



Recanto de Brasília: cidades na cidade do Recanto das Emas - DF.

JORGE ARTUR CAETANO LOPES DOS SANTOS\*

*Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível.*

Michel de Certeau, A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer, p. 159.

*O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.*

Guimarães Rosa, Grande Sertões: Veredas, p. 39.

É o Recanto das Emas que surge em 1993? Temos ali uma cidade na assinatura da lei 510/93<sup>1</sup> em 28 de julho de 1993? Ou na publicação do decreto 15046/93<sup>2</sup> em 22 de setembro? Os documentos referem-se a uma nova "Região Administrativa", uma "zona urbana" e buscam "fixar seus limites". Existe, portanto, um corte oficial que marca a fundação do Recanto das Emas em 1993, com a separação da área da Região Administrativa (RA) do Gama. Mas o mesmo não necessariamente se aplica às experiências dos moradores, que vivem seus recantos para além de haver esse Recanto das Emas, que tencionam a fixidez dos limites, como nos mostra a avó da estudante Ana Karoline, que narra assim sua conquista para a neta: “pra ganhar a minha casa foi muito difícil, muito sofrimento, fui para a invasão pra ganhar a casa, quando eu ganhei, eu chorei muito”<sup>3</sup>.

O objetivo desse texto é dar a ler o Recanto das Emas com base, principalmente, nas narrativas das memórias de três moradoras da cidade, as senhoras Dasdores, Maria João e Maria Eustáquia<sup>4</sup>. Entre ser vivido por seus habitantes, mapeado por alguns e desconhecido por tantos, o Recanto das Emas pode ser contado e lido de diversas formas: como cidade-satélite do Distrito Federal (DF)<sup>5</sup>; como lugar de morar;

\* Doutorando da linha de pesquisa História Cultural, Memórias e Identidades do PPGHIS-UnB.

<sup>1</sup> Lei nº 510/93 – Cria a Região Administrativa do Recanto das Emas – RA XV. O primeiro plano diretor em que a área do Recanto é tratada como área urbana é PDOT de 1997, antes aparecia como zona de expansão urbana do Gama no PDOT 1992.

<sup>2</sup> Decreto 15046/93 - Fixa os limites da Região Administrativa do Recanto das Emas - RA XV.

<sup>3</sup> O trabalho Biografia da Minha Avó foi produzido pela aluna Ana Karoline do 6o ano C do CEF 308 do Recanto das Emas em março de 2012 para a disciplina história.

<sup>4</sup> As entrevistas orais foram realizadas nos anos de entre setembro de 2015 e maio de 2016. Os nomes dos moradores do Recanto das Emas, citados doravante, são fictícios, com exceção de figuras com notoriedade pública.

<sup>5</sup> O DF não pode ser dividido em municípios, sendo ocupado apenas por Brasília. A denominação de cidade-satélite foi usada para se referir às cidades que iam surgindo às margens do Plano Piloto, pelo

como periferia violenta da capital do Brasil, da América Latina ou do mundo; como canto de memórias. Buscaremos aqui construir as duas primeiras como possibilidades de leitura. Dessa forma, encontrar e se perder nas formas de contar as práticas desse espaço, seus cantos, recantos, ou como nos propõe Michel de Certeau:

*Eu gostaria de acompanhar alguns procedimentos - multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos - que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade (CERTEAU, 2014: 163).*

Se o Recato das Emas foi instituído oficialmente como mais uma RA do DF em 1993 pelo Governo do Distrito Federal (GDF) durante a gestão do governador Joaquim Roriz, não é esse o início da ocupação da área. Graciete Costa indica que durante essas primeiras décadas, essa era mais uma área rural que compunha os limites de Brasília. Essa autora apresenta que a área era administrada "pela Fundação Zoobotânica, que criou Colônias Agrícolas, Núcleos Rurais, Áreas PAD/DF, Agrovilas e Áreas Isoladas (...). Esses núcleos foram ocupados mediante arrendamento, assegurando-se, assim, o aproveitamento econômico rural" (COSTA, 2011: 182). Esse modelo para ocupação dessa área rural ao redor de Brasília aparece também no Relatório de Impacto de Meio Ambiente (RIMA) prévio à implementação da nova RA, localizada ao sul da cidade-satélite do Gama e ao norte de Samambaia, a trinta e dois quilômetros de Brasília:

*A ocupação da área [...] deu-se a partir de 1960, segundo o projeto de ocupação e uso da terra, no meio rural do DF, mediante a implantação dos núcleos rurais Vargem da Benção e Monjolo [...]. A partir de 1982 [...] passou a ser rapidamente ocupada por chácaras, provenientes de loteamentos irregulares de terras públicas" (EIA/RIMA, s/d: 26 in BORGES, 2003: 19).*

Podemos perceber através desse documento tanto a referência à área como "zona rural", que não escapou ao processo de "loteamentos irregulares" que marcaram a ocupação do DF e seu entorno (Cf. PAVIANI, 2010a). Os núcleos rurais da Vargem da Benção e Monjolo já são mencionados, por exemplo, em reportagem do Correio Braziliense na edição de 14 de julho de 1961, onde informa-se que "o problema das vias de circulação nos núcleos rurais será também solucionado, destacando-se os trechos Taguatinga e Gatuné, Vargem da Benção e Monjolo, Sobradinho" (CORREIO BRAZILIENSE, 1961: 8). Já no recantar o Recanto das Emas da senhora Dasdores, a área surge com termos semelhantes da RIMA, mas com outra cadência:

---

menos até 1998, quando a lei 19.040/98 do governador Cristovam Buarque proíbe o termo nos documentos oficiais e outros documentos públicos no âmbito do GDF.

- *Do Recanto tem mais uma coisa que eu quero lhe lembrar, eu não sabia, eu não sabia, eu lembrei, é o que eu falei com os meninos eu lembrei, é a cidade começou assim né, aos poucos vai crescendo né, porque a cidade, toda cidade tem que crescer. A Vargem da Benção ainda não tinha, a Vargem da Benção, ainda não tinha, né, que é lá do outro lado, você sabe que ali que começa, do lado de lá que vão fazer casas que o governo já tá, minha casa, minha renda né, vai começar.*

- *Minha vida...*

- *É, minha vida, minha luta, minha... Vai ser de lá que ainda não tem prédio, mas já tá limpo tudo pra esse plano. Mas quando eu entrei aqui no Recanto, não tinha as 400s, não tinha as 800s, era cerrado, pra lá era cerrado mesmo né, mas o meio era aqui mesmo, o foco ainda, claro, que o governo começa assim, né professor, você sabe, uma cidade não cresce de um dia pro outro. Então, não tinha as 400s, eu não falei com os meninos isso, não tinha as 800s, ou eu falei, mas muito mal, então ainda era matagal, que era o criatório de galinhas, tinha a Só Frango, era lá, aquelas coisas, né. Depois que já devastaram e já tem pra lá outras quadras né, as 800s e tal. Mas era só aqui o meio. E tinha essas chácaras. (DASDORES, 2015)*

O relato oral amplia muito as referências, no sentido indicado por Paul Thompson de que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, (...) transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’” (THOMPSON, 1992: 137). Nesse caso, ele é recuperado não em um primeiro momento, mas após um esforço de pensar a cidade, mesmo quando era cerrado, matagal, criatórios, chácaras, afinal “uma cidade não cresce de um dia pro outro”, mas “toda cidade tem que crescer”. A criação oficial da RA foi parte de um mesmo processo que levou à formação de novas cidades-satélites em um curto espaço de tempo como Santa Maria, São Sebastião e Riacho Fundo (Cf. GONÇALVES, 2002: 2).

Ao contrário das ações mais dispersas de antes, no entanto, de acordo com Sérgio Jatobá, essa foi “a maior expansão da mancha urbana já promovida no território do DF em um curto período de tempo” (JATOBÁ, 2010: 312). Jatobá vê nisso os efeitos tardios do Plano Estrutural de Organização Territorial (PEOT) de 1977, que buscava reduzir a dispersão urbana entre Taguatinga e o Gama na parte sudoeste do DF. Para esse autor “Samambaia, Riacho Fundo, Recanto das Emas e Santa Maria fizeram parte do Programa de Assentamentos do Governo Roriz, que criou mais de cem mil lotes semi-urbanizados no período de cinco anos” (JATOBÁ, 2010: 313). De acordo com reportagem do Jornal do Brasil de 19 de fevereiro de 1993, o Recanto das Emas era “o mais novo assentamento criado pelo GDF” e uma pretensa inovação para lidar com o problema da falta de moradia. Segundo o periódico:

*Dois mil e quinhentos lotes do assentamento Recanto das Emas, próximo ao Gama, serão entregues no dia 3 de março pelo governador Joaquim Roriz às famílias de baixa renda cadastradas pela Sociedade Habitacional de Interesse Social (SHIS). (...) Recanto das Emas é o mais novo assentamento criado pelo GDF e tem capacidade para abrigar até 18 mil famílias.*

*(...) No assentamento Recanto das Emas o GDF inovou buscando soluções para a falta de moradia com a própria população. O programa aproveita o potencial da comunidade, que se encarrega da construção no lote semi-urbanizado. (JORNAL DO BRASIL, 1993: 12).*

O que as moradoras lembram como "luta", o jornal narra como "aproveita o potencial da comunidade", o que elas contam como "cerrado", "que já devastaram", o jornal chama de inovação governamental e "lote semi-urbanizado". Com cuidado crítico em relação aos discursos, é possível perceber que, assim como outras cidades-satélites do DF, o Recanto das Emas é atravessado pela tensão entre o crescimento da população, a demanda por moradias e a ação governamental, que teve diferentes políticas habitacionais ao longo da história de Brasília, mas que nunca deixou de endereçar para além dos jardins de Brasília<sup>6</sup> a população mais pobre. De acordo com Aldo Paviani:

*A estrutura urbana do DF foi implantada como um reflexo da ação sistemática de erradicação de favelas e da construção de grandes conjuntos habitacionais, localizados em pontos distanciados do principal centro de empregos e da sede dos poderes da República, o Plano Piloto" (PAVIANI, 2010: 16).*

Essa é a mesma ideia expressa por Luiz Alberto Gouvêa em seu trabalho. Segundo esse autor, marcada pela sistemática erradicação de favelas, "Brasília, ao mesmo tempo em que se tornou um símbolo do urbanismo moderno, se configurou como um modelo quase perfeito de segregação e controle espacial e social" (GOUVÊA, 2010: 90). O próprio PEOT de 1977 já buscava orientar o crescimento urbano de modo a "preservar Brasília e a bacia hidrográfica do Paranoá" (JATOBÁ, 2010: 312), o que significou mais uma vez valorizar os grandes espaços vazios entre o Plano Piloto e as cidades-satélites.

Diversos autores destacam um longo processo de combate contra as chamadas invasões, realocando os denominados invasores, mantendo uma espécie de cordão sanitário ao redor do Plano Piloto. Dessa forma, as remoções da Vila Sara Kubitschek (1958) dando origem à Taguatinga, da Vila Amauri (1960), dando origem ao Gama, da Vila do IAPI (1971) dando origem à Ceilândia podem ser percebidas como momentos de um mesmo processo. Nesse período, paralelamente, foram criadas Sobradinho (1959), Guará (1960) e

---

<sup>6</sup> O projeto de Brasília do urbanista Lucio Costa é influenciado fortemente pelo modelo da cidade-jardim de Ebenezer Howard e inspirada na Carta de Atenas. (GOUVÊA, 2010: 89)

Cruzeiro (1961), mais voltadas para outros segmentos da população, como também foi o caso do Guará II, do Cruzeiro Novo no início dos anos 70<sup>7</sup>. Também é importante destacar que havia, desde 1963, programas de retorno dos migrantes para suas terras natais. Alguns autores entendem que é após a criação da Ceilândia que há o fim de um primeiro ciclo de remoção dos migrantes das ocupações para uma intensificação da expulsão dessa população (Cf. QUINTO & e IWAKAMI, 2010: 76).

Tem destaque nesse período a atuação da Sociedade de Habitações do Interesse Social (SHIS). Desde 1962, quando fora criada como órgão da administração do GDF, a SHIS era encarregada da implementação dos programas habitacionais para a população de baixa renda através de listas de inscrição que seguiram os mais diversos critérios ao longo do tempo, estabelecendo o que os moradores denominam "tempo de Brasília"<sup>8</sup>. De acordo com Suely Gonzalez, a "SHIS produziu 23.004 habitações populares, para conjuntos residenciais nos núcleos satélites, principalmente em Taguatinga e no Guará" (GONZALEZ, 2010: 83). Para a senhora Dasdores, é através da SHIS que seu lote lhe é dado como um presente, pois ela narra "só sei que no outro dia eu fui na SHIS, que era a antiga SHIS<sup>9</sup>, é, e já meu nome tava pronto, passou 93, saiu meu lote saiu no jornal. Então, já tava tudo prontinho, já tava, não paguei nada né" (DASDORES, 2015). Já a senhora Maria João não se refere à SHIS e sim ao IDHAB, mas também fazendo perceber a confusão gerada na mudança constante das siglas ao contar que "eu já morava de aluguel, eu me inscrevi aqui no IDHAB né, é IDHAB hoje? É IDHAB também, continua né, e fui classificada com esse lote aqui, eu fiquei muito feliz (MARIA JOÃO, 2016)".

---

<sup>7</sup> Além destes dois processos de criação e expansão de cidades-satélites, merece menção como um caso particular, em 1961, a criação do Núcleo Bandeirante pela mobilização da população da então Cidade Livre (Cf. PAVIANI, 2010: 195).

<sup>8</sup> Para Antonádia Borges, o tempo de Brasília pode ser entendido como "as distintas equações usadas pelo governo para calcular o quantum de merecimento daqueles que almejam 'ganhar' benefícios diversos dos quais se destaca o lote" (BORGES, 2003: 18).

<sup>9</sup> Através da lei 804 de 8 de dezembro de 1994, o GDF substituiu a SHIS pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (IDHAB-DF) para propor, formalizar, implementar e controlar as ações relativas à política habitacional do DF. Em 2000, ocorreu uma nova modificação: o IDHAB deixou de existir e o seu papel passou a ser desempenhado por diversas subsecretarias subordinadas à Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação do GDF (SEDUH). (Cf. BORGES, 2003: 161).

Também é importante destacar a criação da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap)<sup>10</sup> como marca das novas formas de atuação do governo. Quinto e Iwakami reforçam essa ideia ao afirmar que "Brasília é a única metrópole no Brasil que possui que possui um banco de terras (Terracap) que tem o controle de quase 70% das terras do Distrito Federal" (QUINTO & IWAKAMI, 2010: 60). Para Iwakami, a criação da Terracap "inicia um processo de alienação de terras públicas, implantando outra modalidade de uso do espaço e provocando uma crise na oferta de novas habitações em cidades-satélites" (IWAKAMI, 2010: 278).

Após esse período, houveram tentativas de políticas de fixação dessa população, como durante o governo Ornellas, entre 1982 e 1985, devido às perspectivas eleitorais, onde criou-se o Grupo Executivo para o Assentamento de Favelas e Invasões (GEPAFI), responsável por assentar as populações da Candangolândia, Itamaracá e na QE 38 do Guará II (Cf. QUINTO & IWAKAMI, 2010: 78). Porém, já no governo de José Aparecido, entre 1985 e 1988, houve o retorno à política de erradicação das invasões, bem como de expulsão da população considerada invasora do DF. Além disso, com o fim da ditadura militar, houve alteração nas relações de poder dentro da região com a nova Constituição, bem como com a nova proposta de expansão urbana intitulada "Brasília revisitada 85/87"<sup>11</sup> encomendada ao urbanista Lucio Costa (Cf. GONZALES, 2010a: 176). Tudo isso em um momento, onde o DF contava com cerca de 140 invasões povoadas por 150 mil habitantes, além de uma população subabrigada perto de 700 mil habitantes (Cf. QUINTO & IWAKAMI, 2010: 77).

O governo Joaquim Roriz retomará a distribuição de terrenos em regiões afastadas do centro como em Samambaia (1989), redefinindo o projeto inicial da cidade criada em 1985, assim como a fixação da Vila Paranoá após décadas de luta (1988). O momento eleitoral também tem muita importância nesse processo, uma vez que se darão as primeiras eleições para governador do DF, cargo até então indicado pelo presidente da República e referendado pelo Senado Federal. Ao longo de seus quatro mandatos, Joaquim Roriz teve sua imagem fortemente atrelada à distribuição de lotes para a população de

---

<sup>10</sup> Lei 5.861/73 cria a empresa pública e autônoma vinculada à Secretaria de Viação e Obras do DF.

<sup>11</sup> A proposta sofreu duras críticas em estudo efetuado pelo Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da UnB (NEUR), que foram apresentadas no documento "NEUR toma posição frente à proposta de expansão urbana de Brasília" (Cf. PAVIANI, 2010a: 151).

baixa renda. A senhora Dasdores sintetiza essa ideia ao dizer que "eu tô aqui no meu lote, que foi um presente de Deus, que eu ganhei da esposa do Joaquim Roriz, não foi comprado, nada, foi dado" (DASDORES, 2015).

Segundo Aldo Paviani, esse momento é marcado pela redefinição do projeto de Samambaia, que deixa de adotar "um partido urbanístico diverso do das demais cidades-satélites" (PAVIANI, 2010a; 150), através de módulos, em um processo lento, e passa a ser um ponto focal do assentamento da população de baixa renda do DF, pois no governo Roriz "a 'erradicação' de favelas ganha impulso, sendo Samambaia vista como espaço-receptáculo" (PAVIANI, 2010a: 153). A partir disso, Paviani percebe Taguatinga, Ceilândia e Samambaia como "três momentos", que "demonstram o caráter processual da urbanização com seletividade socioespacial" (PAVIANI, 2010a: 154), três momentos da "periferização planejada" (PAVIANI, 2010: 85) praticada pelo GDF.

O Recanto das Emas ainda aparecia como zona rural do Gama no Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT) de 1992, passa a figurar como cidade-satélite no PDOT de 1997 e compõe uma significativa área urbana na porção sudoeste do DF. Com o loteamento, a partir de 1993, criam-se as primeiras quadras 100s, 200s e 300s. Sobre esse período, a senhora Maria João narra o que ela percebia como uma evolução do lugar, "o bom é que logo o Recanto evoluiu né. Aqui num tinha água, aí passou a ter água. Aqui não tinha energia, passou a ter energia. Com dois anos, a gente já tinha uma linha de ônibus aqui" (MARIA JOÃO, 2016). Ainda assim, é importante destacar que na memória dos seus moradores, o que pode parecer uma evolução que acontece logo em um momento, logo pode dar lugar à narrativa das lembranças das dificuldades iniciais e do que significava a ocupação com barracos dessa área. A senhora Maria João nos conta também que:

*Interessante que quando começou a construir o Recanto, teve, deu uma tempestade muito grande no Recanto. Um dia, eu cheguei, nesse dia, o Fernando veio comigo, que é meu atual marido hoje, que era meu namorado na época. E eu agradei muito a Deus ele ter vindo comigo, porque tava tudo escuro, muito escuro, muita chuva. Eu só escutava os pintos piando, os cachorros latindo e as pessoas chorando. Aqui, essa casa aqui, que é de dois andares, a mulher tava, tinha levantado, não tinha coberto ainda, ficou no chão, os tijolos, desmanchou tudo. Aí, essa casa da esquina, era uma igreja, sabe, eles tinham feito uma igreja, tinha o nome aí, então, também caiu tudo. Do meu vizinho aqui do lado, encostado aqui também né, ele tava construindo, as paredes caíram tudo, ficou tudo no chão. E eu, meu barraco de maderite, eu pensei "não deve de ter nenhuma telha em cima". Quando eu abri e, abri, a porta tava emperrada, não abria de jeito nenhum. E eu falei pro meu marido, que hoje é meu marido né, falei "bate aí, mete o pé, que já vai tá tudo*

*molhado aí mesmo, quebra logo isso". Que ele abriu a porta, tudo sequinho, eu chorei, professor, chorei. (...) Só o meu barraco se salvou, sabe. (...) As outras pessoas, escutava as crianças chorando, mas não tinha como a gente sair, era tudo muito escuro, tudo muita lama sabe, muita lama mesmo<sup>12</sup>. (MARIA JOÃO: 2016).*

Enquanto as primeiras quadras do Recanto das Emas eram construídas entre choros de desespero e alegria, chuvas e lamas, entre o que ficou no chão e o que se salvava, o GDF produziu um relatório de pesquisa sobre o Recanto das Emas que "buscava contribuir com conhecimentos sobre as novas RAs", além de "acrescentar valiosas informações sobre o processo de ocupação do espaço urbano do DF" (CODEPLAN/NEP, 1997: 7). Esse relatório foi importante para mapear a situação da RA, a distribuição das ocupações, sendo que os pesquisadores destacam que:

*A estratégia adotada foi de assentar a população nos extremos da RA., deixando para fases posteriores a ocupação da área central. Desta forma, quando do levantamento em 1996, nem todas as quadras estavam totalmente ocupadas e algumas áreas encontravam-se completamente desabitadas. Além deste fato, duas quadras eram consideradas pela Administração Regional, como invadidas.*

*(...) Das 44 quadras existentes, 33 tinham algum tipo de ocupação (CODEPLAN/NEP, 1997: 9).*

Através da coleta de dados, esse relatório de pesquisa traça um perfil dos moradores do Recanto das Emas, busca orientar a políticas habitacionais e conclui que "o novo assentamento urbano representa a chance de moradia para os segmentos mais jovens da população adulta, que estão constituindo a própria família, ou que estão mesmo sendo expulsos das localidades onde vivem" (CODEPLAN/NEP, 1997: 76). O material destaca a importância da migração, bem como a mobilidade espacial da população no DF e Entorno, que fica bem exemplificado com a narrativa da senhora Maria Eustáquia, que nos conta em algumas frases anos de errância desde que deixou Ceres, Goiás:

- *Eu morei no Gama. Eu morei no Gama Leste.*
- *E ficou até ir embora morando lá?*
- *Não, fiquei cinco anos lá, morando lá, aí nos mudamos pra Ceilândia. Eu morei em outros lugares, eu morei quinze anos de aluguel. Depois que a gente teve nossa casa né. A casa da SHIS, nós ganhamos a casa da SHIS. Mas assim...*
- *Aqui?*

---

<sup>12</sup> Uma matéria do Jornal do Brasil de 9 de abril de 1993 (portanto, anterior à chegada da senhora Maria João) narra os efeitos de uma forte chuva em Taguatinga, Samambaia e no Recanto das Emas, onde "vários barracos foram destelhados. Oito deles desabaram em função do vendaval. Um poste de alta tensão caiu sobre um opala, que ficou bastante danificado. Houve pânico no Recanto das Emas e praticamente todos os moradores abandonaram os barracos. Na correria, várias crianças caíram, mas só tiveram ferimentos leves" (JORNAL DO BRASIL, 1993: 13).

- *É. Não. Lá no P Sul. Nós ganhamos lá. A hora que saiu aquelas casas lá do P Sul, nós ganhamos lá. Morei lá na Ocidental também dois anos né, que eu ganhei também uma casa lá também, mas moramos lá. De lá foi que nós viemos pra cá, pro P Sul que nos ganhamos aqui e viemos pra cá. Lá do P Sul foi que nós moramos, fomos pra Anápolis, ficamos lá oito anos e voltamos pra cá de novo (MARIA EUSTÁQUIA, 2015)*

Permeado por essa discussão sobre a ocupação do espaço urbano do DF, o PDOT de 1997 buscou adensar a área do Recanto das Emas, o que levou a criação de novas quadras e tentativas de melhoria da infra-estrutura. De acordo com Jatobá, havia a intenção de "adensar preferencialmente as áreas já urbanizadas antes de ocupar novas áreas, otimizando a infra-estrutura urbana e de equipamentos já instalada (...) no PDOT de 1997" (JATOBÁ, 2010: 317). Isso pode ser percebido na criação das quadras 400s e 600s do Recanto em 1997 e das quadras 500s e 800s em 1999, que respondem a invasões que continuaram acontecendo ao longo da história do Recanto das Emas.

No recantar da senhora Dasdores, a formação das quadras 500s, também chamadas de Taubaté<sup>13</sup>, a ocupação do cerrado e o alastrar-se da zona urbana sobre a rural surgem contrapondo a área das 300s onde ela vive:

*Taubaté que naquele tempo ainda não tinha o nome Taubaté, porque ainda não tinha a invasão, era só um córrego grande, que era perigoso também, cheio de mato né, que devastaram também, devido à invasão vir e o povo, aí pois é.*

*(...)*

*É, por aí, sabe, porque a cidade, como eu lhe disse, não cresce de afogo, vai devagar, o povo invadiu né, e depois que o governo vê que tá tudo e toma todas as providências né. E aí fizeram esse Taubaté (DASDORES, 2015).*

O governo não é percebido como o planejador dos documentos oficiais, o inovador da imprensa ou mesmo como o benevolente de outras lembranças da senhora Dasdores, atuando apenas depois com suas providências. Primeiro o povo, depois o governo. Essa também é a opinião da senhora Maria João, que também contrapõe as 300s e as 500s, o loteamento e a invasão, o escriturado e o sem escritura, que ela assim narra:

*- Inclusive as 500s aí, acho que a maior parte foi invasão né. As pessoas invadiram e aí foi loteado. Também lá pras 800s, também parece que foi assim, teve.*

<sup>13</sup> De acordo com Antonádia Borges, ao longo de sua pesquisa de campo realizada pouco tempo depois do estabelecimento das quadras 500s, há um tratamento jocoso nesse nome Taubaté, bem como um estigma que paira sobre seus moradores. A autora relata que "constatei essa distinção em uma ocasião em que caminhávamos pelas vizinhas quadras 500, um dos lugares mais estigmatizados do Recanto das Emas Mesmo que grande parte da população do Recanto tenha sido removida de alguma invasão (fosse imediatamente antes de seu *assentamento* ou há algum tempo atrás), sobre os moradores das quadras 500 pesa a pecha de terem sido retirados de uma invasão incrustada no próprio Recanto das Emas, visível e temida por todos os *antigos* moradores da cidade" (BORGES, 2003: 67). Tal estigma ainda é perceptível nas memórias das moradores entrevistadas, por exemplo.

- *Aqui foi mais com escritura, com documento?*
- *Aqui foi, aqui foi né. Aqui da 101 até a 311 foi tudo documentado, tudo, foi loteado né, loteado e ganhado né, foi a pessoa recebeu, tanto que o meu lote é escriturado né, escritura. Eu acho que aí pras 500s ainda não tem escritura ainda (MARIA JOÃO, 2016).*

Nesse sentido, Suely Gonzáles indica em sua pesquisa que o Recanto das Emas é uma das RAs com maior pressão de crescimento demográfico. Para a autora, essa cidade-satélite adensada, constituída de lotes para habitação unifamiliar de 128 m<sup>2</sup> (Cf. GONZÁLES, 2010a: 169), e que, em 2009, tinha um índice de desemprego mais de duas vezes e meia maior que do Plano Piloto, é um perfeito exemplo da "grave expansão irregular e progressiva de áreas residenciais sobre áreas rurais e sobre áreas de proteção de mananciais hídricos" (GONZÁLES, 2010a: 164). Aquilo que preocupa Gonzáles é narrado com outra preocupação no contar da senhora Maria Eustáquia:

- *Aqui era mato, aqui era assim, aquela, como é que a gente fala, é assim quando mina água?*
- *Nascente?*
- *Nascente, parecia até que tinha até nascente de água ali, onde é o asfalto agora, parecia que tinha nascente de água, era muito esses postes mesmo assim de água assim ó. Eu falei, meu Deus, onde que eu vim morar? Bem no brejo né... Mas foi pouco tempo, foi assim foi, faixa assim de três anos, uns três anos a quatro anos, não, foi assim, rapidinho eles passaram o asfalto aqui. Desceram o asfalto aqui nas outras ruas né. E fizeram o asfalto por tudo ali (MARIA EUSTÁQUIA, 2015).*

O que parecia um brejo na chegada, "mas foi pouco tempo", "rapidinho" foi coberto pelo asfalto, "tudo ali". A senhora Maria João chega a classificar como assustador tanto crescimento, que parece fugir ao controle, quando ela nos conta "eu, por exemplo, vi o Recanto crescendo né. Crescer de um ponto que hoje nós temos eu não sei calcular quantos moradores tem no Recanto, mas são muitos. O Recanto cresceu, desenvolveu, numa condição até que assustadora né" (MARIA JOÃO, 2016).

De acordo com o Caderno das Cidades produzido pelo GDF em 2013, que se apresenta como trazendo "informações fundamentais para que gestores e população acompanhem e fiscalizem a execução das ações do GDF" (CASA CIVIL/GDF, 2013: 3), o Recanto das Emas já contava com cinquenta e nove quadras residenciais, todas ocupadas, comércio local, além de uma Área de Desenvolvimento Econômico (ADE) para uma população de quase 125 mil habitantes de acordo com dados da CODEPLAN. No eixo de "habitação", o documento menciona a "construção de 24640 unidades habitacionais pelo programa Morar Bem na Vargem da Benção até 2015" (CASA CIVIL/GDF, 2013: 94). No entanto, ainda que o projeto tenha sido muito alardeado na época pelo governador Agnelo

Queiroz<sup>14</sup>, ainda não foram entregues moradias referentes ao projeto<sup>15</sup>, muito embora a senhora Dasdores tenha mencionado em sua narrativa citada anteriormente que "do lado de lá que vão fazer casas que o governo já tá, minha casa, minha renda né, vai começar. (...) É, minha vida, minha luta, minha... Vai ser de lá que ainda não tem prédio, mas já tá limpo tudo pra esse plano" (DASDORES, 2015). Além desta, outras formas de ocupação seguem se dando como menciona a senhora Maria Eustáquia ao contar que:

*Essas casas, esses lotes que eu falei para você que é invasão, dizem que ali ia ser uma praça também, não, ia ser um, não sei se é um posto de saúde, não sei que que eles falaram que iam fazer, tem no projeto, eu porque não lembro como que, como que eles falaram, porque ali não podem ser casas né, aonde eles invadiram, aonde que eu falei pra você que eles tinham invadido, que eu creio que parece que são duas quadras né, assim, dois quarteirões né, q ali não são quadras, dois quarteirões, igual esse aqui, um quarteirão, né, todo. Então, ali é um quarteirão, foi invadido. (MARIA EUSTÁQUIA, 2016).*

Dessa forma, o processo de ocupação da RA do Recanto das Emas continua através de novas invasões que tensionam "o projeto" e de assentamentos governamentais. No que lembram e contam suas moradoras, em matérias de jornais e em dados de documentos governamentais, lemos o espaço que isso ocupa. Ainda que o que antes era chamado de favela, vila, invasão ou Taubaté esteja agora sendo chamado de "condomínio de baixa renda" (Cf. MOURA, 2010: 287) ou "casas que o governo já tá".

Ainda assim, a senhora Maria João percebe e enumera muitas transformações ao longo de seus vinte e três anos no Recanto das Emas. No seu canto, o que já foi apenas lama, poeira e mato, agora é sim uma cidade. Muito além do asfalto e da luz, para quem chegou aqui "quando não tinha nem ônibus, não tinha nem água", a moradora conta que :

*Do asfalto, da luz e da quantidade de moradores também né. Por exemplo, isso aqui não era, era uma fazenda, aí virou uma cidade aí, as 500s né. Você vê, era tudo lama, poeira, tudo mato, hoje a gente vê prédio né, vê boas escolas, vê, até fórum o Recanto já tem né, tem fórum. O Recanto só não tem um hospital, mas eu acho que logo, logo, nós vamos ter um hospital. Tem restaurante comunitário.*

*- Tem a UPA né.*

*- Tem a UPA. Inclusive é só uma ou são duas? Não, é só uma né, porque aquela outra de lá...*

*- A outra é Clínica da Família.*

*- É Clínica da Família né, perdeu, tem duas Clínicas da Família né?*

*- Duas.*

<sup>14</sup> Conforme matéria do Jornal de Brasília, "Recanto das Emas ganhará 24 mil casas pelo morar bem" de 27 de abril de 2013 (JORNAL DE BRASÍLIA, 2013).

<sup>15</sup> As pendências do projeto são tratadas em reportagens como do sítio G1 de 23 de março de 2015, "Justiça do DF suspende quatro editais do Morar Bem no Recanto das Emas" (G1, 2015).

*- Pois é, duas Clínicas da Família, tem posto de saúde né, e tem, tem aquele outro posto lá em cima, posto 1 e posto 2 né, quer dizer dois postos de saúde, tem delegacia, tem atendimento à mulher, tem faculdade. Olha, pra quem veio pra cá, que não tinha nem ônibus, não tinha nem água, para ver hoje faculdade né (MARIA JOÃO, 2016).*

A fazenda que vira cidade narrada pela senhora Maria João, onde se vê prédio e tanto mais, convive com invasões como contou a senhora Maria Eustáquia ou a matéria do sítio G1 de 18 de novembro de 2015, que tem o seguinte título: "Fiscais do GDF derrubam barracos em invasão no Recanto das Emas". O corpo da matéria informa que:

*Equipes do governo do Distrito Federal derrubaram nesta terça-feira (18) 20 barracos de madeira nas proximidades da quadra 803 da Avenida Monjolo, no Recanto das Emas. De acordo com a Polícia Militar, alguns moradores resistiram à ação, mas não houve incidentes graves (G1, 2015a).*

Certamente para os moradores que resistiram, a derrubada do barracos de madeira onde moravam é o incidente grave que a PM e a reportagem não perceberam. Enquanto barracos seguem sendo erguidos e derrubados, no entanto, nas falas de muitos de seus moradores, o Recanto das Emas é antes de tudo um lugar de morar. A senhora Maria João vem buscando fugir do aluguel, virando-se como podia sem dinheiro e nos conta que "vim pra cá, só, praticamente só, num barraquinho, que não tinha condição de fazer uma casa, eu fiz um barraquinho de maderite mesmo, daqueles bem pequenininho mesmo, porque não tinha dinheiro pra comprar maderite. Então, eu vim" (MARIA JOÃO, 2016). O que podia ser feito é lembrado como mínimo e improvisado: "aí, eu mudei pra cá em julho de 93 né. Aí, o barraco era tão pequenininho e aí eu fiz um buraco assim né, botei um cano de dentro, fiz uma divisorinha, assim que era o banheiro né, e a fossa era a céu aberto né" (MARIA JOÃO, 2016).

Além disso, foi preciso por os pés na terra, derrubar morros para tornar o lote habitável segundo a moradora. Ela narra como a família que seria acolhida ajudou quando conta que "meu pai e esse meu filho que hoje mora na rua que capinaram, nós capinamos aqui, (...) gente, com os pés cheios de terra no barraquinho, sabe, pequeno, e capinando sabe, tentando derrubar o morro, porque era um morro mesmo, sabe" (MARIA JOÃO, 2016). Mesmo sem condições, esse canto da senhora Maria João mostra como "ter um canto" é importante, como vai se fazendo do Recanto, um recanto que acolhe. Ele garante o "ir e vir" e sem ele é como não ter nada, estar "fora do bando". Segundo narra a moradora:

*A minha vida, ter vindo aqui pro Recanto, eu acho que foi de muita ajuda, ter um canto, eu pude acolher pessoas, eu pude acolher neto, eu pude acolher parente (...). E minha história, professor Jorge, é complicado, do Recanto o*

*que eu sei te falar é isso, que foi o lugar que me deu uma estabilidade, porque hoje você morar de aluguel é instável. Na época em que estamos vivendo, se a gente não tiver o seu canto para você ir e vir, é como se você não tivesse nada né. Eu acho que é como um passarinho fora do bando (MARIA JOÃO, 2016).*

Esse canto, esse lote, esse barraquinho, esse recanto, essa casa do passarinho e seu bando. Esse barraco. Um canto até mesmo se sua casa conte como um barraco perto do tanto que poderia ter sido, do sonho que ela nos conta ao lembrar que "eu ganhei a planta da minha casa, não era pra ser assim não. Era três quartos, com a garagem, com a área e o quintal era aqui. O quintal e tudo né. A casa do meu sonho. E hoje eu moro nesse barraco" (MARIA JOÃO, 2016). A casa que pode ser feita surge como símbolo das vivências, das demandas cotidianas, de tudo aquilo que foi ao se narrar que "mas aí, quando eu fiz esse barraco aqui, eu desmanchei o barraquinho, e fiz assim tipo, aí foi na época que meu marido resolveu morar comigo e a gente fez um barraquinho que era pra garagem, só que um dia choveu" (MARIA JOÃO, 2016). A planta que surge como símbolo do sonho poderia significar um recriar da casa, pois "eu tenho vontade de ir à Administração saber como é que eu posso readquirir essa planta" (MARIA JOÃO, 2016), pois talvez com uma neta magistrada ou um filho ganhador da loteria desse para "não, a gente derruba e faz tudo de novo", como na promessa do filho lembrada pela mãe:

*"Eu vou derrubar aqui. Vou fazer pra senhora embaixo, pra mim em cima, mas eu quero com elevador, que eu não vou ficar subindo escada, não sei o que". Eu falei "ah, meu filho, tem a planta, a planta até que dava pra fazer assim e levantar, mas eu sumi a planta e uma planta é muito caro" (MARIA JOÃO, 2016).*

Para a senhora Dasdores ter um lugar seu é a maior conquista que obteve, o que ela narra como uma benção "foi assim uma luz de Deus, foi um mandado de Deus, porque eu vim aqui, aqui eu tenho minha casa, já tive quatro lotes, hoje só tenho um. Graças meu Deus, muita gente não tem" (DASDORES, 2015). Essa benção tornou-se sua e isso é destacado em seu discurso, um bem seu, "esse lote foi um presente de novo de Deus. Eu ganhei não é como tá a lei agora aí, que esse governador tá vendendo o lote pras pessoas e não dá, e fala 'a Caixa vai dar', a minha casa, minha atribulação, que agora tá sendo, não é mais" (DASDORES, 2015). Um lugar que depois de tanto tempo trás satisfação, pois "o meu lote é aqui na 308, nessa direção, não, aqui, qual o lado que sai a pista? (...) Eu acho que é ali, meu filho. (...) Prali, é prali. O meu é logo ali, meu lote é de esquina, um lote muito bom né, que me deram" (DASDORES, 2015).

A senhora Dasdores consegue sintetizar o devagar dos anos de vivência nessa cidade em uma frase "eu tomei a frente e vim né, e comecei a morar no meu barracinho, foi devagar e hoje minha casa tá pronta" (DASDORES, 2015). Do barracinho à casa pronta. Dois espaços fundamentais no modo de viver e pensar a cidade por parte de seus moradores, assim como o lote. Para Borges, "no caso do Recanto das Emas, especificamente, podemos refletir sobre a mudança constante da invasão para o lote, de um barraco para o outro " (BORGES, 2003: 16), ou do barracinho à casa. Assim como essa autora identifica "a invasão, o barraco, o lote, o asfalto e o 'tempo de Brasília'" como "principais signos do modo de vida local" (BORGES, 2003: 12) por ela objetivados em seu trabalho, o barracinho e a casa também emergem como maneiras de narrar o lar nessa cidade. O que cabe numa frase no contar da senhora Dasdores, pode ser tecido mais longamente, com a lembrança até do que parecia esquecido:

- Agora aqui tá, vai melhorando, você sabe que a cidade vai crescendo devagar né?

- Uhum.

- E cresceu. E cada um faz a sua benfeitoria no seu lote. Foi, fui eu fazendo no meu, mas passou um tempo que eu ainda fiquei com meu barraco né. Sujeita a bandido né, porque era de maderite. A polícia um dia passou lá, eu tava sozinha dormindo na minha casa, só os bichos dormiam lá, tinha vezes que vinha né, eu ficava sozinha, porque eu trabalhava, eu tinha que vir ver meu barraco pra não invadirem. Que que eu dei pra esse povo e, um dia, eu botei de tudo, cama, fogão, eles roubaram tudo, sabe, levaram, e foi obrigada eu vim, essas histórias assim eu até esqueço, fui obrigada a vir. E um dia, era de madrugada, a polícia passou e bateu na minha janelinha que era pequenininha, aí eu fiquei, essa história eu tô contando só pra você que eu nunca contei, contei pras minhas colegas, mas pras outras eu não contei. Aí bateu na minha porta, na minha janela, perguntou se tinha gente lá, porque bandido se escondia em barraco. Aí, eu com medo, falei e "tem gente aí?" E eu acordei, disse "tem, tô eu e minha filhinha", não tinha não, era só eu, sabe, fiquei com tanto medo, "é a polícia", sabe, eu sabia, aí quando eu olhei assim pela brecha, né, que era um barraco, sem saber que eram coisas, a brecha só entrado parecia, eu vi que era a polícia. (DASDORES, 2015)

A história contada só para mim e para algumas colegas mais dignas de confiança detalha melhor o tempo do barraco, esse lar provisório e incerto, de maderite, lugar onde os bandidos se escondem, onde só os bichos dormem, cheio de brechas, lugar do medo até que as benfeitorias pudessem ser feitas. Mas que já é sua casa, sujeita a se por tudo e se perder tudo, o que obriga a vir. A cidade cresce devagar, assim como o lugar de morar da senhora Dasdores, sua casinha. Uma cadência de vagar nesse recantar seu recanto.

*Aí, eu vim devagar, tudo e foi fazendo minha casa. Casinha né, mas eu também passei uma luta muito grande, é porque eu ainda tô lutando né, pra poder murar todinha, cercar ela de grade, que já tá, a minha casinha todo mundo acha bonita, que ela é grande né. (DASDORES, 2015)*

Um lar que é sinônimo de luta, uma luta muito grande, que segue hoje, pois ainda há o que fazer, a "minha casa" é sempre um fazer, como passar da grade para o muro, fechar as brechas. Mas um carinhoso lugar de morar bonito e grande. É aqui, por exemplo, que a senhora Dasdores pretende terminar seu caminho, sua trajetória, ou como ela descreve "agora eu já tô pra me aposentar, não vou mais pra longe não, é aqui mesmo, eu termino por aqui né" (DASDORES, 2015). Há esperança até em se terminar por aqui.

Para a senhora Maria Eustáquia, a casa também é um presente de Deus, mesmo que não seja perfeita nos detalhes, é a casa que foi pedida e anunciada pelo Senhor. A memória da compra da casa em 2003 é assim narrada:

*Eu vou te contar a história dessa casa. Quando eu vim, quando eu vendi a casa velha de Anápolis eu falei "Jesus, eu quero, eu quero comprar uma casa pra mim, mas eu quero assim uma casa com, com três quartos, sala, cozinha. E falei pro Senhor, e ainda quero com asfalto na porta, Jesus, não quero casa assim como né", já morei em muitas casas sem asfalto, muita lama, muita terra e eu pus isso né, pedi ao Senhor que ele me desse. Então, assim do jeitinho que eu pedi ao Senhor ele me deu a minha casa, só que eu não pedi o Senhor se a casa era assim né, num pôs os detalhes, mas do jeito que eu pedi o Senhor me deu. Tanto é que quando eu cheguei aqui pra comprar essa casa, quando eu entrei na porta da sala, que a porta da sala era a entrada lá, o Senhor falou "essa é a sua casa" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015).*

Surgem como elementos importantes os "três quartos, sala, cozinha", mas principalmente o "asfalto na porta", que contrapõe a "muita lama, muita terra" das lembranças de outros cantos. A própria casa é recontada com vislumbres do que fora, pois "ganhavam só os lotes" e a primeira dona "fez a casa com pré-moldado", onde certamente antes poderia se falar em barraquinho e barraco, além de como estes tem que ser desfeita e refeita nesse perpétuo fazer que é a "minha casa", que está sempre sendo construída, sendo arrumada na luta cotidiana. Dessa forma, a moradora prossegue na narrativa de suas lembranças da história da casa;

- E vim nesses anos todos construindo, arrumando, pelejando, tô aqui...
- Já tinha energia, água? Isso tudo normal?
- Já, já. Já tinha normal. Aí que assim cada um pessoas que compravam, que ganhavam os lotes, ganhavam só os lotes né. Essa mulher mesma aqui, ela foi a primeira dona dessa casa aqui. E ela construiu, só que ela fez a casa com pré-moldado né. Aí eu tive que tirar tudo né, as paredes com pré-moldado e fazer tudo de novo, porque eu achava assim uma casa muito insegura né, e também assim muito quente, achava assim, aquele lado era muito quente, é até hoje né. E mas assim era muito mais quente, era bem baixinha, ela descia aqui, ela só tinha, aquela fiada lá eu fiz, eu tive que

*aumentar mais cinco fiada de tijolo e mais uma cinta que foi colocada na casa toda, porque não tinha cinta. Ela era bem baixinha mesmo, quando ela descia aqui a altura dela era aqui da porta. Então, ela era muito quente, era daquela telha ainda fininha também (MARIA EUSTÁQUIA, 2015).*

Dessa forma, transitam pelo Recanto das Emas expectativas, anseios, resistências, negações, sonhos, esperanças. Nas formas de narrar o habitar, de não narrá-lo, ou até mesmo no narrar quem não habita, eu percebo o que Michel de Certeau define quando diz que "a linguagem do poder 'se urbaniza', mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico" (CERTEAU, 2014: 161), o que ele chama de práticas do espaço, que "tecem com efeito as condições determinantes da vida social (CERTEAU, 2014: 163). Atento a essas práticas que se esgueiram para além dos discursos, Michel de Certeau aguça nossa sensibilidade para essas narrativas de lugares, "lugares vividos como presenças de ausências" (CERTEAU, 2014: 175). Como a cerca branca da senhora Maria João, que era como o caminho de casa, ou o asfalto na porta da senhora Maria Eustáquia, ou as frestas no barraquinho de maderite da senhora Dasdores.

É possível, portanto, perceber nessa narrativa o que Michel de Certeau aponta quando fala de "o espaço assim tratado e alterado pelas práticas se transforma em singularidades aumentadas e em ilhotas separadas" (CERTEAU, 2014: 168), ou seja, através de figuras de estilo como a sinédoque e o assíndeto, o loteamento devastado é tomado como a cidade nessa trajetória, assim como o tirar o mato arranca em si tantos mais momentos dessa jornada. Por um lado se adensa um conjunto com pequena parte que se trás na memória, por outro se corta a vastidão em fragmentos capturáveis.

Espiando pelas brechas dessa narrativa de barracos, "que barraco só se acha com tábua e maderite, era meu barraco né, também aqui né, era meu barraco, aliás sou eu" (DASDORES, 2015), nós podemos dar contornos outros aos labirintos da cidade, aos cantos desse recanto, de modo que consigamos nos perder nela. Para Walter Benjamin, "saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução" (BENJAMIN, 2004: 73). E no nosso vagar tecer caminhos como o faz a senhora Maria João, que narra que "então me identificava pelo início da cerca branca e vinha descendo até achar meu lote. Aqui, em cima do barraco, eu botei um pau bem grande com uma sacola amarrada na ponta, que era

pra saber né" (MARIA JOÃO, 2016). A cerca branca surge como toda essa fronteira entre o rural e o urbano, um limite repostado ali pela teimosia da memória, já que "as lembranças se apoiam nas pedras da cidade" (BOSI, 2010: 439). Ou em cercas brancas. Um pau bem grande com a sacola cortando o contínuo de lotes. Como a moradora em seu itinerário, podemos nós criar sinais que nos orientem até onde chegar, "pra saber né".

O Recanto das Emas nos surge produzido por memórias e produz as memórias dos que a experienciam. Uma cidade libertada de essencialismos, cidade de emaranhados, cidade repleta de ambiguidades e de possibilidades, tal como nos propõe Walter Benjamin ao dizer que "assim como todas as coisas que estão em um irresistível processo de mistura e impurificação perdem sua expressão de essência, e o ambíguo se põe no lugar do autêntico, assim também a cidade" (BENJAMIN, 2004: 25).

### Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense. 2004
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras: 2010.
- BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014
- COSTA, Graciete. *Regiões Administrativas do Distrito Federal-1960 a 2011*. Brasília: UnB, 2011
- GONÇALVES, Paula. *As cidades satélites de Brasília: registro histórico*. Brasília: UnB, 2002.
- GONZALES, Suely. "As Formas Concretas da Segregação Residencial em Brasília". In: PAVIANI, Aldo (org.). *Brasília, Ideologia e Realidade*. Brasília: EdUnB, 2010.
- GONZALES, Suely. "A Gestão Urbanística do Espaço Habitado: o Objeto e o Método no Caso do DF". In: PAVIANI, Aldo (et al.). *Brasília 50 Anos: da Capital a Metrópole*. Brasília: EdUnB, 2010a.
- GOUVÊA, Luiz Alberto. "A Capital do Controle e da Segregação Espacial". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da Cidade: Movimentos Populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.
- IWAKAMI, Luiza. "Vila Paranoá; a Luta Desigual pela Posse da Terra Urbana". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da Cidade: Movimentos Populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.
- JATOBÁ, Sérgio. "Crescimento Urbano na Metrópole de Brasília: Potencial e Limitações". In: PAVIANI, Aldo (et al.). *Brasília 50 Anos: da Capital a Metrópole*. Brasília: EdUnB, 2010.

MOURA, Cristina. "Condomínios' no DF: Clubes, Favelas ou Cidades?". In: PAVIANI, Aldo (et al.). *Brasília 50 Anos: da Capital a Metrópole*. Brasília: EdUnB, 2010.

PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da Cidade: Movimentos Populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.

PAVIANI, Aldo (org.). *Brasília, a Metrópole em Crise: Ensaio sobre Urbanização*. Brasília: EdUnB, 2010a.

QUINTO, Luiz & IWAKAMI, Luiza. "O Canteiro de Obra da Cidade Planejada e o Fator da Aglomeração". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da Cidade: Movimentos Populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.

RA XIV, Recanto das Emas: Relatório de Pesquisa, 1996. CODEPLAN/NEP, Brasília, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

#### Matérias de Jornal

Nove Bilhões de Cruzeiros para Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, 14 jul. 1961, 1o caderno, p. 8.

Governador vai Entregar 2500 Lotes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 fev. 1993, Cad. Brasília, p. 12.

Vento Destrói Barracos em Taguatinga. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro 9 abr. 1993, Cad. Brasília, p. 13.

Recanto das Emas Ganhará 24 mil Casas pelo Morar Bem. **Jornal de Brasília**, Brasília, 27 abr 2013.

Disponível em <<http://www.jornaldebrasil.com.br/cidades/recanto-das-emas-ganhara-24-mil-casas-pelo-morar-bem/>>. Acesso em 03 mar. 2017.

Fiscais do GDF derrubam barracos em invasão no Recanto das Emas. **G1**, 18 nov. 2015a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/11/fiscais-do-gdf-derrubam-barracos-em-invasao-no-recanto-das-emas.html>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

Justiça do DF Suspende Quatro Editais do Morar Bem no Recanto das Emas. **G1**, 23 mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/justica-do-df-cancela-quatro-editais-do-morar-bem-no-recanto-das-emas.html>>. Acesso em 03 mar. 2017.